

A fome é nossa *Divida Externa*

Embora represente um fato sem precedentes, não chega a ser propriamente surpreendente a decisão dos Estados Unidos, anunciada pelo presidente Bush ao acolher em Washington o chefe de Estado polonês, Lech Walesa, de perdoar US\$ 2,6 bilhões da dívida que a Polônia tem para com Washington. Como também pouco tem de surpreendente o acordo fechado na semana passada entre Varsóvia e o Clube de Paris — integrado por vários países ocidentais, entre os quais o Brasil — que reduziu de 50% a dívida polonesa para com os países integrantes da associação.

A chave dessas decisões foi perfeitamente sintetizada por Lech Walesa ao chegar a Washington, na primeira visita de um presidente polonês aos Estados Unidos. Disse ele que não chegava para **mostrar as garras**, mas para enfatizar que as reformas promovidas na Polônia, destinadas a reconstituir a economia nacional de acordo com os parâmetros da economia de mercado, demandam um afluxo de investimentos e de tecnologia para que se possa dar partida ao desenvolvimento e escapar à ruína produzida por quase meio século de aplicação do chamado **socialismo real**. Em outras palavras, a Polónia quer ascender à modernidade e sabe que isso só será possível se puder contar com a ajuda e colaboração dos países do Primeiro Mundo. É este, como aconteceu na semana passada em Paris e agora em Washington, não lhe nega tal colaboração e ajuda que se traduzirá não apenas em perdão parcial das dívidas — herança do antigo governo comunista — como em aporte de capital internacional, sob a forma de abertura de linhas de crédito aos bancos poloneses e por meio de investimentos privados diretos.

Abre-se, assim, uma nova perspectiva para a Polô-

nia, a primeira nação do Leste europeu a libertar-se dos dogmas e imposições do modelo estatal de desenvolvimento e que agora procura aproximar-se, ainda que com grandes sacrifícios, do rico e próspero mundo capitalista. Outras nações do Leste europeu — a começar pela Hungria e Checoslováquia — que se encontram na mesma situação da Polónia já seguem o exemplo de Varsóvia, partindo do princípio de que o desenvolvimento e a superação de suas atuais dificuldades envolvem, necessariamente, a colaboração do capitalismo e das grandes empresas multinacionais que têm interesse e condições de fazer grandes investimentos e ampliar seus mercados.

Vamos esperar que a mensagem de Varsóvia chegue, também, ao Brasil, que, ao ser obrigado a perdoar metade da dívida da Polónia, manifestou a pretensão de um dia vir a receber tratamento semelhante.

Para que isso venha a acontecer, no entanto, é preciso que tenhamos a humildade de reconhecer que, até agora, com nossa atitude ridiculamente terceiro-mundista perante nossos credores, e mostrando — de forma grotesca — **as garras** para fantasmas de imperialismos que morreram há décadas, nada fizemos para merecer a mesma generosidade. O que temos feito e continuamos fazendo contribui apenas para ampliar a distância que nos separa do Primeiro Mundo, perante o qual nossa imagem nunca esteve tão deteriorada como agora.

O Brasil, hoje, é anátema para o capital estrangeiro.

Por isso, no mesmo momento em que Walesa ouve palavras de estímulo e apoio do presidente Bush, nós ouvimos ameaças do subsecretário do Tesouro, David Mulford.